

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/09/2018.

**Dirceu Rodrigues da Silva**

**O Bandeirante de Cristo:  
a construção hagiográfica sobre Frei Galvão, primeiro santo brasileiro  
(1922-1954)**

**ASSIS**

**2016**

**O Bandeirante de Cristo:  
a construção hagiográfica sobre Frei Galvão, primeiro santo brasileiro  
(1922-1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação e História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História. (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador (a): **DR. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI**

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S586b Silva, Dirceu Rodrigues da  
O bandeirante de Cristo: a construção hagiográfica sobre  
Frei Galvão, primeiro santo brasileiro (1922-1954) / Dirceu  
Rodrigues da Silva. Assis, 2016.  
171 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista  
Orientador: Dr. Ricardo Gião Bortolotti

1. Hagiografia. 2. Catolicismo. 3. Brasil -- História –  
Entradas e bandeiras, 1634-1728. 4. Galvão, Frei, Santo, 1739-  
1822. I. Título.

CDD 981.0242

DIRCEU RODRIGUES DA SILVA


O BANDEIRANTE DE CRISTO: a construção hagiográfica sobre  
Frei Galvão, primeiro santo brasileiro (1922-1954)

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras – UNESP para a obtenção  
do título de Mestre em HISTÓRIA (Área de  
Conhecimento: HISTÓRIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 26/09/2016

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Presidente: PROF. DR. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI - UNESP/Assis

  
Membros: PROF. DR. MILTON CARLOS COSTA - UNESP/Assis

PROF. DR. WILLIAM DE SOUZA MARTINS - UFRJ/Rio de Janeiro

Aos meus avôs.  
Maria e João, Nadica e Expedito.

## AGRADECIMENTOS

Com o término deste trabalho pude perceber como cada página, cada vírgula e palavra são de grande importância pessoal. Estou convicto de que para quem escreveu, cada detalhe do trabalho apresentado suscita uma memória afetiva, percebo que o trabalho, como um todo, apresenta o amadurecimento desenvolvido nos dois anos de dedicação à pesquisa. A dificuldade em pôr um ponto final e o sentimento de que muito ainda exista para se discutir é atenuado quando percebo que, talvez, essa seja minha própria condição de pesquisador, ainda existe muito para se aprender durante toda minha trajetória acadêmica.

Este trabalho não seria possível sem a ajuda daqueles que acreditaram no potencial do meu trabalho, pessoas importantes que não poderiam deixar de receber meus agradecimentos. Aos que gentilmente compartilharam de seus conhecimentos no intuito de auxiliarem minha pesquisa, meu orientador Ricardo, os responsáveis pelo Acervo Museu Frei Galvão representados na figura da historiadora Thereza Maia, aos funcionários do Mosteiro da Luz, os funcionários da Pós-Graduação da Unesp-Assis por sempre serem solícitos e, finalmente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa, sem a qual este trabalho não seria possível.

Agradeço especialmente aquela que é meu norte e com quem sempre pude contar, minha melhor amiga e namorada Mariana, ao seu lado tudo fica mais fácil e bonito. A todos os meus familiares, principalmente meu pai José Luciano, minha mãe Dinizia e meu irmão Lucas, por sempre me apoiarem e entenderem meu trabalho, minhas preocupações e minhas ausências.

Obrigado a todos os meus amigos, com quem pude dividir parte importante da minha vida, as alegrias e angústias do mestrado, Carlos, Victor, Mateus, Edson, Raphael, Mirian, Camila e todos aqueles que, embora não tenham sido citados, sabem que de alguma forma contribuíram em minha vida, espero ter vocês sempre ao meu lado.

SILVA, D.R. **O Bandeirante de Cristo: a construção hagiográfica sobre Frei Galvão, primeiro santo brasileiro (1922-1954)**. 171 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

## RESUMO

Apresentar uma reflexão sobre a construção da santidade nas hagiografias do primeiro santo brasileiro, Antônio de Sant’Anna Galvão, é o que propomos neste trabalho. Portanto, buscou-se historicizar as hagiografias compreendidas entre os anos de 1922 a 1954, período que compreende uma forte produção bibliográfica no sentido de legitimar a construção hagiográfica acerca do santo. Por meio do contato com essas fontes hagiográficas e, posteriormente, o empreendimento de uma análise destes documentos, pudemos levantar uma hipótese acerca das primeiras hagiografias de Frei Galvão em que o conceito fluido de santidade transformava-se concomitantemente a fim de atender aos interesses dos autores e grupos que produziram a fonte. A santidade de Frei Galvão estaria associada, no contexto do Centenário da Independência (1922), a um herói, ainda que paulista, representante dos anseios da pátria. Após os conflitos de 1932 em São Paulo e devido ao crescimento do ufanismo paulista culminado com as efemérides do IV Centenário da cidade (1954), a santidade do Frade ficou atrelada ao mito bandeirante, em que as hagiografias passam, então, a tratá-lo, embasado numa genealogia tão ao gosto do padrão da época estudada, como um herdeiro das qualidades paulistas, um Santo Bandeirante.

Palavras-chave: Frei Galvão, Hagiografias, Catolicismo, Santidade, Ufanismo Paulista, Bandeirante.



SILVA, D.R. **The Bandeirante of Christ: the hagiographical construction of Friar Galvão, the first Brazilian saint (1922-1954)**. 171 f. Dissertation (Master in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

### **ABSTRACT**

To present a reflection about the construction of holiness in the hagiographies of the first Brazilian saint, Antônio de Sant’Anna Galvão, is what we propose in this paper. Therefore, we sought to historicize the hagiographies between the year 1922 and 1954, a period that contains a strong bibliographic production in order to legitimize the construction hagiographic about the saint. Though the contact with these hagiographical sources and, afterward, the development of an analysis of these sources, we could make a hypothesis about the first hagiographies of Frei Galvão in which the fluid concept of holiness transformed itself concomitantly in order to meet the interests of the authors and the groups that produced the source . The sanctity of Frei Galvão was associated, in the context of the Centenary of Independence (1922), to a hero, although from São Paulo, representative of his country’s aspirations. After the 1932 conflict in São Paulo and due to the growth of São Paulo’s jingoism culminating with the ephemeris of the IV Centenary of the city (1954), the sanctify of Friar was linked to the “bandeirante” myth, in which the hagiographies start to write about him based on genealogy as the standard taste of the studied epoch, as an heir of the São Paulo qualities, a “Bandeirante” Saint.

Key Words: Frei Galvão, Hagiographies, Catholicism, Holiness, São Paulo, Bandeirante.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Novena de Frei Galvão.....	43
Figura 2 – Organograma referente à Genealogia de Frei Galvão.....	60
Figura 3 – Capa da hagiografia de 1922.....	65
Figura 4 - Capa da hagiografia de 1928.....	66
Figura 5 – Capa da hagiografia de 1936.....	67
Figura 6 – Artigo de 1942.....	68
Figura 7 – Capa da hagiografia I de 1954.....	69
Figura 8 – Capa da hagiografia II de 1954.....	70

**O Bandeirante de Cristo:  
a construção hagiográfica sobre Frei Galvão, primeiro santo brasileiro  
(1922-1954)**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. AS HAGIOGRAFIAS SOBRE FREI ANTONIO DE SANT'ANA GALVÃO.....	15
2.1 PARA UM ESTUDO HAGIOGRÁFICO .....	19
2.2 FREI GALVÃO: PRIMEIRO SANTO BRASILEIRO .....	39
2.3 OS PROCESSOS PELA CANONIZAÇÃO .....	47
2.4 APRESENTAÇÃO DAS FONTES .....	53
2.5 OS MOLDES PARA AS HAGIOGRAFIAS SOBRE FREI GALVÃO .....	57
2.6 AS HAGIOGRAFIAS .....	64
3. HAGIOGRAFIA COMO DEFESA DA TRADIÇÃO (1922- 1936).....	71
3.1 OS “FREMENTES” ANOS 20 .....	72
3.2 O EXEMPLO PATRIÓTICO.....	77
3.3 OS “GRANDES FALADORES DO SÉCULO” .....	98
3.4 BRASILEIRO, PAULISTA, BRASILEIRO .....	112
4. ASCENSÃO DE UM SANTO BANDEIRANTE (1942-1954).....	115
4.1 OS ANOS DE TRANSIÇÃO .....	116
4.2 O SANTO DA RAÇA DE GIGANTES.....	122
4.3 O HERÓI DA PAULICEIA .....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	155
REFERÊNCIAS .....	161
ANEXOS .....	169

## 1. INTRODUÇÃO

Em meio a uma das mais movimentadas avenidas da capital paulista, em uma região central da metrópole, está localizado o Mosteiro da Luz. Do lado de fora dos seus muros, milhares de pessoas circulam apressadas pela Avenida Tiradentes. Basta transpor os muros do Mosteiro, que também guarda o Museu de Arte Sacra, para percebermos o contraste entre a agitação do centro de São Paulo com a calma e o silêncio do ambiente monástico. Com um belo jardim e com arquitetura colonial do século XVII, o Mosteiro idealizado por Frei Galvão é um dos patrimônios da cidade de São Paulo.

Todavia, o Mosteiro também é responsável por manter a devoção, desde seus primórdios, ao frade que guiou sua fundação. O ambiente de reclusão das irmãs Concepcionistas orgulha-se de ter sido morada do primeiro santo brasileiro, sendo o trabalho das irmãs à frente do Mosteiro um dos meios de perpetuação da fé a Frei Galvão. Nossas leituras indicam que a devoção ao frade permaneceu restrita ao meio católico de São Paulo, somente após a beatificação em 1998, seguida da canonização, em 2007, passou a ganhar uma repercussão maior por todo o país.

O presente estudo objetiva analisar as fontes que, tal qual o Mosteiro, foram responsáveis por conservar e difundir a devoção a Frei Galvão: referimo-nos às hagiografias deste. Documentos literários que apresentam de maneira apologética a vida do Frade, mas, justamente por serem documentos literários condicionam-se aos interesses de seus escritores, os hagiógrafos. A palavra hagiografia é relativa às palavras gregas: *hagios*, referente a santo, *grafia*: escrita, portanto, trata-se de documentos cujo escopo reside em apresentar e edificar a devoção a um personagem entendido santo.

Segundo Dosse, a hagiografia é um “gênero literário que privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torná-las exemplares para o resto da humanidade” (DOSSE, 2009, p. 137). Esses documentos ao mesmo tempo em que buscam legitimar a devoção a um santo, apresentam um modelo de vida exemplar, sendo os poderes sagrados do personagem somente possíveis graças ao seu passado virtuoso. Dessa forma, nosso trabalho configura-se como um estudo sobre a santidade, e não sobre o santo em si. Buscaremos interpretar nas hagiografias analisadas o modelo exemplar de santo atribuído ao protagonista. Entendemos este modelo de santidade como uma construção social que, normalmente de forma inconsciente, representa a defesa de interesses do grupo que o produziu e pode abarcar múltiplas dimensões: espiritual, teológica, religiosa, social, institucional e política.

A santidade pode ser entendida como um ponto de coincidência entre a religião e a disputas de poder. Segundo Sofia Boesch Gajano, analisando o Ocidente medieval, a santidade vai além da sua função religiosa:

A santidade no Ocidente medieval constitui um fenômeno considerável, de múltiplas dimensões: fenômeno espiritual, ela é a expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ela é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é um fator de coesão e de identidade dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiais e monásticas; fenômeno político, enfim, ele é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder (GAJANO, 2002, p. 449).

Partindo da noção que o ideal de santidade é construído sociotemporalmente, concluímos que as hagiografias enquanto representações literárias dessa santidade também o são. Pretende-se no trabalho apresentar a relação entre a construção da santidade apresentada nas hagiografias e os interesses dos grupos e dos hagiógrafos autores destes documentos. Todavia, consideramos importante algumas ponderações sobre nosso contato com as fontes, de que forma limitamos nosso recorte documental e como optamos por apresentar nosso estudo.

Na graduação, desenvolvi uma pesquisa sobre as pílulas de Frei Galvão, santo da minha cidade natal, do qual o culto sempre me instigou interesse de estudo. A possibilidade de mestrado, em 2014, levou-me a fazer um levantamento de fontes e objetos que poderiam vir a ser pesquisados. Foi durante esse período que tive contato com as fontes hagiográficas e pude, então, redefinir e alinhar melhor minha pesquisa.

As fontes que encontrei são do acervo do Museu Frei Galvão, em Guaratinguetá, que se trata de um espaço voltado para conservação da memória da cidade e do Santo. Todos no local foram sempre muito gentis e dispostos a auxiliarem a minha pesquisa, inclusive a historiadora, dona Thereza Maia, que esteve envolvida diretamente na canonização do frade da cidade.

Devido ao grande número de hagiografias sobre o santo (Anexo A), foi preciso estabelecer um recorte a fim de tornar nosso trabalho coerente e viável durante os prazos estabelecidos para um mestrado. Esse grande número de hagiografias e informações dificultaria a execução de um trabalho mais aprofundado sobre cada hagiografia. Somente com o contato e leitura da maior parte do acervo é que se revelou possível definir um recorte seguro para o trabalho.

A partir de alguns fichamentos, notamos relevantes informações e pudemos sugerir um caminho de análise: as hagiografias sobre o frade brasileiro possuem ligação com o discurso em voga entre os intelectuais que buscavam defender as tradições católicas diante do ideal de modernidade que entrava no Brasil a partir da década de 20. As hagiografias também apontavam para a construção de um santo paulista, sobretudo nos anos de 1936 e 1954, período significativo para a construção de uma identidade paulista. Definido nosso recorte da primeira hagiografia a que tivemos acesso (1922) até as hagiografias que acompanham o IV Centenário da cidade de São Paulo (1954), entramos em contato com uma vasta bibliografia que apresentasse o lugar de produção dessas fontes.

Buscamos apresentar nossa concepção de hagiografia e demonstrar como esse modelo de fonte dialoga com seu lugar de escrita e, no caso específico deste trabalho, como as hagiografias sobre Frei Galvão, entre os anos de 1922 e 1954, estão em concordância tanto com os interesses católicos como com os dos intelectuais paulistas que as produziram.

No primeiro capítulo: *As Hagiografias sobre Frei Antonio de Sant'Ana Galvão*, dedicar-nos-emos a entender um pouco mais das escolhas teóricas do trabalho, delimitando nossa compreensão sobre as fontes hagiográficas. Identificamos um número significativo de historiadores que utilizam as hagiografias como fonte de análise, entretanto, percebeu-se que as hagiografias modernas e contemporâneas não recebem a mesma dedicação que as hagiografias do medievo, por exemplo. Sendo nossas fontes produções do século XX, observamos características diferentes das produções do medievo, cujas preocupações e ideal de santidade são substancialmente diferentes. Buscaremos identificar como as hagiografias modernas podem buscar veracidade assemelhando seu gênero discursivo ao do historiador.

Este capítulo é importante para o desenvolvimento dos capítulos posteriores, pois é nele que identificamos alguns conceitos empregados no decorrer do trabalho, bem como, entendemos a heterogeneidade destas fontes, tão variadas quanto a próprios interesses que podem construir historicamente um modelo de vida exemplar. A construção de uma santidade, de um herói, não só legitimam o poder e a devoção de um grupo como também estabelecem normas de comportamento religioso ligados a um modelo de fé cristã.

Optamos por dividir a análise das hagiografias de Frei Galvão em dois capítulos, pois existe entre elas uma diferença norteadora para esta pesquisa: a concepção de santidade. Dessa forma, apresentaremos no segundo capítulo: *Hagiografia como defesa da tradição (1922-1936)*, uma análise das três primeiras hagiografias a respeito do santo, e percebemos que o ideal de santidade aproxima-se mais de uma defesa do catolicismo como religião nacional do que ao ideal de “Santo Bandeirante” defendido a partir de 1942.

Para compreendermos os possíveis interesses que reproduzem nas primeiras hagiografias uma intensa defesa das tradições católicas no Brasil, buscamos uma análise das mudanças na sociedade brasileira no início do século XX, sobretudo na relação entre a religião católica e a política após a instauração da República no país. Procuramos identificar também os autores destas hagiografias, o que nos ajudou a entender ainda mais o ideal de santidade produzido por eles: Frei Galvão é apresentado como soldado dos interesses nacionais, sendo obviamente, estes interesses idênticos os da Igreja.

A análise das hagiografias produzidas sob a égide do ufanismo paulista será nosso interesse no terceiro e último capítulo: *Ascensão de um Santo Bandeirante (1942-1954)*. Neste capítulo buscaremos apresentar o modelo de santidade defendida nas últimas hagiografias de nosso recorte.

O hagiógrafo da fonte de 1942 fortalece e enfatiza a defesa de uma santidade hereditariamente heroica, baseando-se em teorias que sustentam a ideia de raça paulista. Desta forma, as origens bandeirantes de Frei Galvão justificam suas virtudes e o santo é apresentado nas hagiografias como descendente da “raça paulista”, exemplo da superioridade do estado, um “Santo Bandeirante”. Buscaremos identificar quais as influências do pensamento acadêmico do período sobre as hagiografias, principalmente na assimilação de teorias eugênicas no modelo de santidade atribuído ao frade.

Pretende-se, também, apresentar como as hagiografias de Frei Galvão combinam-se com o “mito bandeirante”. Os hagiógrafos, principalmente os que escrevem no ano das celebrações do IV Centenário da cidade de São Paulo, buscam na narrativa hagiográfica referendar proximidades entre o santo e os bandeirantes, personagens já consolidados no imaginário dos paulistas como heróis do estado e desbravadores das fronteiras do país. Dessa forma, entendemos que, ainda que de forma inconsciente, os hagiógrafos arrolados no último capítulo escreveram as hagiografias sobre Frei Galvão para ressaltar e legitimar uma pretensa soberania do estado de São Paulo.

Ainda que ambicionemos que o trabalho seja capaz de suscitar mais dúvidas do que respostas, esperamos que as dificuldades impostas pelas fontes, as quais, por sua vez, provocam uma grande quantidade de questões, não tenham deixado o trabalho demasiadamente complexo. Buscamos esclarecer ao leitor, com a apresentação de uma bibliografia básica, nossa análise do modelo de santidade constante nas hagiografias do primeiro santo brasileiro, demonstrando como os diferentes interesses dos hagiógrafos, e do grupo ao qual pertencia, motivaram a construção de modelos de santidades diferentes e que se transformam a cada hagiografia produzida. Dessa forma, as mesmas considerações que

Michel de Certeau (CERTEAU, 2011) ressaltou analisando os trabalhos historiográficos servem perfeitamente para discutir a hagiografia como uma leitura do passado direcionada pelo presente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os historiadores atuais não é difícil entender a importância das devoções aos santos na religiosidade católica. Estas devoções, entretanto, passaram por diversos agentes que propagaram, adequaram e legitimaram o culto aos heróis da fé. As hagiografias são um dos diferentes documentos que apontam para a ação destes agentes na construção da devoção a um santo. É função do historiador, e neste trabalho foi a nossa, entender as motivações da ação dos autores que escreveram o documento hagiográfico, bem como, a influência destas ações no modelo de santo construído.

Devemos levar em consideração que, assim como o trabalho historiográfico, a escrita hagiográfica muitas vezes busca esconder suas intenções, ocultar o agente que escreve da narrativa do texto. Dessa forma, sobretudo nas hagiografias modernas, entender o *lugar* de escrita do hagiógrafo nem sempre se revela como algo simples. Os textos modernos buscam o *status* de verdade. De maneira similar ao um historiador, o hagiógrafo busca esconder as motivações do seu *lugar* de escrita, tenta ocultar suas opiniões no meio de citações e referências que cruzadas acabam gerando uma narrativa do passado que se julga verdadeira.

Essas questões, que nos dedicamos mais cuidadosamente no primeiro capítulo, são fundamentais para nosso trabalho. Não buscamos deslegitimar o trabalho hagiográfico, pelo contrário, queremos demonstrar a relevância que estas fontes podem ter no estudo dos símbolos religiosos. Por mais que o hagiógrafo moderno tente esconder suas motivações na escrita da hagiografia, estas acabam por transpassar na construção da narrativa. Neste caso, a importância da hagiografia como fonte localiza-se além das interjeições do autor no texto, nas opções de narrativa, no que buscou exaltar ou omitir.

Lembramos que o texto hagiográfico discorre sobre um modelo de vida exemplar, a história de vida do personagem deve ser aceita como digna de devoção. Esse princípio hagiográfico é ainda mais enriquecedor no estudo da fonte, a vida do santo deve condizer com o ideal de santidade do seu *lugar* de escrita, ou seja, o trabalho do hagiógrafo é conciliar a ideia de santidade dos seus contemporâneos com a história de vida de um personagem do passado. Novamente insistimos, é impossível para o hagiógrafo, assim como para o historiador, por luz ao passado sem nele refletir sua própria sombra.

Contudo, a hagiografia pode servir de instrumento para o historiador de duas formas: primeiro, como um instrumento que o auxilie na interpretação do passado que almeja construir, ou seja, levando em consideração as informações que o hagiógrafo relatou sobre o

passado, usando-as como bases para sua própria leitura do passado. Em segundo lugar, considerando o modelo de santidade eleito pelo hagiógrafo, e como este pode dialogar com seu *lugar* de escrita. Essa dualidade no entendimento das hagiografias modernas destaca sua característica de fonte *mito-histórica*, que constrói uma narrativa literária do passado, concomitantemente orbitando na prerrogativa de santidade do personagem retratado.

Neste trabalho nos preocupamos em interpretar a escrita das primeiras hagiografias sobre Frei Galvão sob a ótica de análise do *lugar* de escrita dos hagiógrafos. A vida do santo nos importava na medida em que podíamos debater a posição do hagiógrafo em sua leitura do passado. Dessa forma, nossa análise só foi possível porque pudemos comparar hagiografias, perceber que mesmo tratando-se da mesma história de vida do santo, ou seja, do mesmo passado, as formas de se escrever e de legitimar sua crença são distintas.

Isso ocorre porque o ideal de santidade é determinado historicamente, depende do grupo, da sociedade e dos interesses marginais ao santo, que denominamos durante o trabalho de *lugar* de escrita. A hagiografia serve para legitimar uma devoção, além de atuar como um instrumento validador das ações e crenças de um grupo, que não precisam necessariamente ser de cunho religioso. Enquanto símbolo de um grupo, o santo é instrumento de defesa da religião e qualifica, por meio da representação de sagrado que o acompanha, um modelo de vida exemplar, a qual sempre será monopólio do grupo que o construiu, quer dizer, a defesa de uma santidade reside também na defesa das convicções do grupo que apresenta o pretendido santo.

Nosso trabalho demonstrou justamente como a defesa do santo vai ao encontro dos ideais do grupo responsável por produzir a hagiografia. Separamos a análise destas hagiografias levando em conta nossa interpretação dos dois ideais de santidade apresentados, que mesmo sendo distintos não eram excludentes, dialogavam e completavam-se. Deste modo, nossa pesquisa preocupou-se com o modelo de santidade defendido nas hagiografias, a fim de entender o diálogo entre este modelo e as motivações do grupo encarregado disso.

No segundo capítulo abordamos como as três primeiras hagiografias sobre o santo estampavam um modelo de santidade nacional. Inseridos em um *lugar* de escrita que direcionou essa perspectiva de santidade, os hagiógrafos defenderam a santidade de Frei Galvão enquanto símbolo do catolicismo nacional, demonstração sagrada da vocação católica que o Brasil não poderia abandonar com a República. O santo enquanto símbolo da tradição, instrumento de defesa da religião e representação do sagrado qualificava a religião e os símbolos associados à vida exemplar ilustrada na hagiografia.

Dessa forma, o exemplo de santidade exaltado nas hagiografias mostrava como a herança católica do Brasil foi responsável pela trajetória de vida do Frade. Defende-se a influência católica na política e principalmente na educação, classificando as mudanças notadas na sociedade (São Paulo na década de 20) como imorais e uma afronta à tradição. Empregando a mesma analogia de uma das hagiografias deste período, o santo era um soldado da tradição católica e os inimigos estavam bem delimitados: o laicismo, o comunismo, o espiritismo, o protestantismo e os valores da nova sociedade.

Com a entrada de Vargas e o aumento da influência católica na sociedade, há uma mudança perceptível na construção hagiográfica acerca do Frade. Influenciada pela crença de superioridade paulista difundida fortemente, especialmente após o conflito de 1932, quando as hagiografias passam a vincular as virtudes do Frade a virtudes dos heróis paulistas. A Igreja já possuía mecanismos reacionários mais estruturados e o santo deixa, paulatinamente, de ser entendido apenas sob a ótica da conservação da tradição católica para adquirir uma ligação com o pioneirismo e a bravura bandeirante.

Todavia, o santo não deixa de ser representante do nacional. No entendimento dos hagiógrafos, que se utilizavam dos intelectuais paulistas do período, a história de São Paulo era a história do Brasil. Escrever sobre o povo paulista era escrever sobre os desbravadores do país, o forte ufanismo do estado influenciou na condição do ser santo nestas hagiografias e, assim como a mitologia bandeirante desfila seus heróis, as hagiografias reproduzem Frei Galvão como exemplar paulista e, por extensão, símbolo nacional.

O ideal bandeirante sobressai os possíveis conflitos na associação das bandeiras a um ícone devocional católico. A similaridade entre o Frade e os personagens da mitologia paulista estava somente em suas viagens pelo interior paulista e sul fluminense, entretanto, assim como faziam as famílias de prestígio do estado, busca-se um parentesco longínquo bandeirante para o santo. Justificam-se as virtudes e a importância do Frade associando-o ao seu antepassado bandeirante Fernão Dias Pais, notamos uma mescla entre a narrativa hagiográfica e um discurso de predisposição paulista à superioridade, a ideia de “raça paulista”.

Nossa leitura indica que a construção do santo Frei Galvão, por meio de suas hagiografias, desejou endossar um discurso a favor de uma identidade regional paulista. O ufanismo do estado foi resgatado nas efemérides do IV Centenário da cidade, conforme transparece nas últimas hagiografias analisadas. Para os hagiógrafos, parece lógico pensar que o primeiro santo brasileiro deveria ser também um paulista. Deste modo, o discurso de

superioridade local é reforçado e reforça o principal objetivo dos hagiógrafos, ou seja, edificar a devoção a Frei Galvão.

Consideramos as hagiografias estudadas bem-sucedidas por terem conseguido ser referências para as obras posteriores e um dos instrumentos de construção e preservação da história de Frei Galvão. Em conjunto com o Mosteiro da Luz e os acervos sobre o Frade, as hagiografias analisadas fazem parte de elementos que ajudaram na legitimação de Frei Galvão como santo, ainda que somente no final do século XX. Entretanto, o conjunto de símbolos ligados à identidade de Frei Galvão não é estático, da mesma forma que existiram as mudanças de interesses e mentalidades que o próprio tempo impõe à sociedade, essas modificações também ocorrerão no ideal de vida exemplar e, por conseguinte, no santo idealizado nas hagiografias. Seria necessário outro estudo para entender a influência do aumento da popularidade e midiaticização sobre a imagem de Frei Galvão nos últimos anos. Entretanto, podemos notar que diversas outras assimilações foram feitas na construção da identidade hagiográfica do Santo, como “Santo Engenheiro”, “Primeiro Santo do Brasil” ou “Santo da construção civil”.

Pudemos perceber a heterogeneidade das hagiografias, e estamos certos de que o estudo dessas fontes pode enriquecer o debate acerca dos interesses dos grupos que a produziram. Existem muitas hagiografias para serem estudadas, principalmente as dos santos e beatos modernos, e muitas outras hagiografias ainda estão sendo feitas, apresentando toda a pluralidade simbólica inerente às devoções. Por esse motivo insistimos em ressaltar que as hagiografias, enquanto documentos produzidos em diferentes temporalidades e sociedades, ainda que possuam similaridades, devem ser entendidas em suas heterogeneidades.

Pensando a grande pluralidade religiosa no Brasil consideramos vital que os historiadores preocupem-se cada vez mais com a construção destes símbolos religiosos. Sem dúvida, a expansão dos estudos hagiográficos, sobretudo nas hagiografias populares, auxiliará no entendimento das devoções brasileiras e na relação delas com a sociedade e a Igreja. Na atualidade alguns outros ícones devocionais ganham importância e precisam de estudos e visões diferentes voltados a eles, é o caso, por exemplo, de Nhá Chica, tornada a primeira negra beata no Brasil em 2013. Podemos mencionar também o caso de José de Anchieta que voltou a ganhar destaque com sua canonização em 2014, e parece em diversos momentos ser lembrado como herói paulista e nacional. Do mesmo modo que buscamos demonstrar a relevância das hagiografias e do Mosteiro da Luz na construção e conservação da identidade de Frei Galvão, estudos dedicados a outros personagens católicos seriam válidos no intuito de demonstrarem as diferentes bases que sustentam modelos de santidade no Brasil.

Para esse estudo uma das maiores dificuldades estava em estabelecer padrões para a ação católica em São Paulo. A religião no Brasil possuía certa autonomia hierárquica, sendo difícil estabelecer um eixo único para as ações católicas. Todavia, por mais particularizado que a pesquisa pretenda ser, é impossível não deixar lacunas, a própria pluralidade da sociedade suscita a sensação de que existiram aspectos pouco explorados. Contudo, consideramos inerente ao próprio saber historiográfico a incapacidade de preencher todas os caminhos possíveis no decorrer da pesquisa.

No entanto, discutir estas temáticas parece-nos imprescindível para a compreensão do próprio cenário brasileiro atual, ainda que tenhamos tratado de documentos da primeira metade do século XX, temos certeza que essa temática ainda é cara ao contemporâneo, mesmo que atualmente tenha-se mudado os agentes e símbolos. Quando tratamos de setores ligados a religião influenciando a política brasileira, balizados por um discurso que defenda a moral e que persigam as religiões inimigas, identificamos uma temática que poderia estar referindo-se ao início deste século. Esse tema é tão atual quanto o sentimento de superioridade que ainda domina setores paulistas, com campanhas em prol de movimentos separatistas que ainda imaginam o estado como a locomotiva do país e exibem com orgulho monumentos aos seus heróis bandeirantes.

Entendemos que o estudo acerca das hagiografias sobre Frei Galvão instigante para entender como determinados grupos constroem e edificam seus símbolos como forma de sustentar seus modelos de pensamento e justificar seu poder social, político e/ou econômico. Em um primeiro momento, a hagiografia e o seu modelo de santidade serviram como um recurso de defesa das tradições católicas e influência desta na sociedade brasileira, Frei Galvão é apresentado como um dos protagonistas na defesa do catolicismo em uma sociedade em mudança acelerada. Posteriormente, em outros contextos, o santo é assemelhado ao “mito bandeirante” e justifica a hegemonia paulista, sendo amparado na lógica de uma “raça paulista” ou sendo parte de um conjunto de símbolos ufanistas rememorados em efemérides públicas.

Nossa leitura das hagiografias indica aspectos claros quanto ao modelo de santidade defendida e partindo do pressuposto que os modelos de santidade são construções determinadas pelo *lugar* do hagiógrafo, buscamos uma leitura de questões que pudessem justificar a construção de um santo “patriótico” e “bandeirante”. Uma leitura da sociedade e dos fatores que poderiam influenciar os grupos católicos ligados às hagiografias demonstraram-nos que os modelos de santidade produzidos para Frei Galvão condizem com os principais interesses destes grupos. O que buscamos apresentar neste trabalho foram os

modelos de santidade defendidos e os principais interesses vinculados à construção hagiográfica de Frei Galvão.

## REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. *A ideia de São Paulo como formador do Brasil*. In: FERREIRA, A. C.; LUCA, T.; IOKOI, Z. G. (Org.). *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- ABUD, Katia Maria. *O sangue itimorato e as nobilíssimas tradições (A construção de um símbolo paulista: O Bandeirante)*. 1985. Tese. (Doutorado em História) - FFLCH-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos. *Da História religiosa À História cultural do sagrado*. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*, v. 5, n. 5, p. 35-49, 2007.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília, 1993.
- AMARAL, R. *Santo Imaginários, Santos reais. A literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ANDERSON, Benedict: *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- AQUINO, Maurício de. *A vós suspiramos neste trem da vida: catolicismo, criação religiosa e identidade na devoção a Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado de Ourinhos - SP (1954-2006)*. 2007. Dissertação. (Mestrado em História) – UNIDADE, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2007.
- ARAÚJO, Antônio de Sousa. *Santo Antônia de Sant'Ana Galvão, OFM (1739-1822): primeiro Santo natural do Brasil*. *Revista Lusitania Sacra*, n. 23, p. 243-262, jan.-jun. 2011.
- ARAÚJO, Karina Anhenzini. *Um metódico à brasileira: A História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. 2006. Tese. (Doutorado em História) – UNIDADE, Universidade Estadual Paulista. Franca, 2006.
- AZZI, Riolando. *O início da restauração Católica no Brasil*. *Síntese*, n. 10, p. 61-90, 1977.
- BARTHES, Roland. *O efeito de real*. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BEIRED, José Oscar. *Sob o signo da ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina: 1914-1945*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização*. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. Tomo III. São Paulo: Difel, 1984.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria, ed. 131., 1999.
- BLACKMORE, Josiah, *Vida de Eufrósina*. In: *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense (II)*. *Revista Lusitana*, nova série, 5, p. 55, 1984-1985.
- BLEFE, Ana Cláudia Fonseca. *História Nacional em São Paulo: o Museu Paulista em 1922*. *Anais do Museu Paulista*, n. v.10/11, p. 79-103, 2003.

- BLEFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Os reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CADORIN, Ir. Célia B. *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão: biografia documentada*. São Paulo: Mosteiro das Irmãs Concepcionistas (Recolhimento de N. Senhora da Luz), 1993.
- CALEFFI, Ir. Edwiges. *Vida de Madre Oliva Maria de Jesus – Fé e Suavidade Sob o Olhar da Virgem Imaculada*. São Paulo: Editora Cultor de Livro, 2015.
- CAPELATO, M. H. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAPELATO, M.H. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: DELGADO, Lucilia; FERREIRA, Jorge. *O Brasil Republicano*. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CARVALHO, Cibele. *As Hagiografias franciscanas*. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 4, p. 142-160, jun. 2013.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHIRON, Yves. *Os milagres de Lourdes*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CLARO, Silene Ferreira. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória- 1934-1950)*. 2008. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CONGRESSO EUCARÍSTICO. *PRIMEIRO CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL CELEBRADO NO RIO DE JANEIRO*, de 26 de setembro a 1º de outubro de 1922, em comemoração ao 1º Centenário da Independência do Brasil, 1922. *Anais...* Rio de Janeiro, 1922.
- COUTO, Ari Marcelo Macedo. *Adhemar de Barros: práticas e tensões políticas no poder*. 2007. Tese. (Doutor em Ciências Sociais) – UNIDADE, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- CRISTIANO, Lúcio. *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão: o Apóstolo de São Paulo entre os séculos XVIII e XIX*. Aparecida: Oficinas Gráficas de Arte Sacra, 1954.
- CUNNINGHAM, Lawrence S. *Uma breve história dos santos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- DAVID, Solange R. A. *Um estudo de religiosidade popular: O Santo Menino da Tábua*. 1994. Dissertação. (Mestrado em História) - UNIDADE, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 1994.



- DE BONALD, Louis A. *Législation Primitive considéré par la raison*. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1988.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. *Religião e Religiosidade no Brasil Colônia*. São Paulo: Ática, 1994.
- DELEHAYE, H. *Les légendes hagiographiques*. Bruxelas: Sociedade dos Bolandistas, 1973.
- DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- ELLIS, Jr. Alfredo. *Os primeiros troncos paulistas*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FERRETTI, Danilo José Zioni. *A construção da paulistanidade: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930)*. 2004. Tese. (Doutorado em História Social) – Unidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- FORTES, C. C. *Pressupostos Teóricos para o Estudo da Hagiografia*. In: SILVA, A. C. L. F.; L. R. da SILVA (Org.). *IV Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro, 14-18 de maio de 2001. Rio de Janeiro: Edições Márcia Cristina da Rocha Martins, 2001, p. 173-179.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Meu, teu, nosso: Reflexões sobre o Conceito de Cultura Intermediária*. In: FRANCO JÚNIOR, H. *A Eva barbada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GAJANO, Sofia Boesch. *Santidade*. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, v. I, 2002.
- GONÇALVES, Carlos Barros. *As polêmicas antiprotestantes nas primeiras décadas do século XX: Cuiabá 1926, 1927*. *Fronteiras*, v. 12, n. 21, p. 151-178, jan./jun. 2010.
- GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. *Festa de fundação: memória da colonização do IV Centenário de São Paulo*. *História*, v. 13, p. x-x, 1994.
- KLENK, Henrique. *A Ação Católica Brasileira e o Personalismo: origens da abertura ao Personalismo no Brasil*. XI JORNADA DO HISTEDBR, 2013, Cascavel, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html)>. Acesso em: 17 maio 2016.

LEITE, Fábio Carvalho. *O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil*. Relig. Soc., v. 31, n. 1, p. 32-60, 2011.

LOFEGO, Sílvio Luiz. *A construção da memória na publicidade do IV Centenário da cidade de São Paulo*. Revista Patrimônio e Memória, v.2, n.2, p. 25-43, 2006.

LOFEGO, Sílvio Luiz. *Imagens e Imaginários na Construção Histórica de São Paulo em 1954*. In: FERREIRA, Antônio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (Org.). *Letras e identidades: São Paulo no Século XX, capital e interior*. São Paulo: Annablume, 2008.

LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.

LOVE, Joseph L. *A Locomotiva. São Paulo na Federação Brasileira. 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LUCA, Tânia Regina. *A Grande Imprensa na primeira metade do século XX*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. *O Santo de Guaratinguetá*. São Paulo: Nova América, 2014.

MAINWARING, Scott. *A Igreja e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARIA, Júlio. *A Igreja e a República*. Brasília: Câmara dos Deputados - Editora da Universidade de Brasília, 1981.

MARINS, Paulo César Garcez. *O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista*. *Anais do Museu Paulista*, v. 6-7, n. 1, p. 9-36, 1999.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha (estudo clínico dos anatólios)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOTTA, Marly Silva. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *Os Galvão de França de Santo Antônio de Guaratinguetá*. São Paulo: Edusp, 1973.
- MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a História*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- MUSEU FREI GALVÃO (Org.). *Guaratinguetá ontem e hoje*. São Paulo: Noovha América, 2010.
- NEVES, Guilherme Pereira. *A religião do império e a Igreja*. In: GRINBERG, Keila;
- NIERO, Lidiane. *A construção sócio-histórica de devoção a Nossa Senhora de Guadalupe*. *Sacrilegens*, v. 9, n.1, p. 97-112, jan.-jun. 2012.
- NOVAES, Paulo. *Dados históricos da Universidade Católica do Rio de Janeiro: 1940 a 1995*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.
- PERNOUD, Régine. *J'ai nom Jeanne la pucelle*. Paris: Gallimard, 1994.
- PETERS, José Leandro. *Nossa Senhora Aparecida no discurso da Igreja Católica no Brasil.(1854-1904)*. 2012. Dissertação. (Mestrado em História) – Unidade, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- PIERSON, Donald. *Habitações de São Paulo: Estudo Comparativo*. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n. LXXXI, p. 199-238, 1942.
- PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, C. P. F. *Igreja Católica: 1945-1970*. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. Tomo III. São Paulo: Difel, 1984.
- PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três estrelas, 2012.
- PINA, Rui de. *Crónica de D. Dinis*. Porto: Livraria Civilização, 1945.
- PIO XI. *Carta Encíclica Mortalium Animos*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19280106\\_mortalium-animos.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html)>. Acesso em: 17 maio 2016.
- PRADO, Paulo. *Província e Nação - Paulística. Retrato do Brasil*. (Coleção Documentos brasileiros). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1972.
- PRIMOLAN, Emílio Donizete. *Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: A transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)*. 2011. Tese. (Doutorado em História) , Universidade Estadual Paulista, Franca, São Paulo, 2011.
- QUADROS, Eduardo Gusmão. *A mito-história de Padre Pelágio: memória e tradição hagiográfica*. *História Agora*, v. 9, p. 284-305, 2010.
- QUADROS, Eduardo. *A vivência religiosa como objeto da história das religiões*. *Impulso*, v.15, n. 37, p.101-112, maio/ago. 2004.
- QUADROS, Eduardo. *No princípio, um lugar: a arqueologia religiosa de Michel de Certeau*. *História Revista*, v.12, n. 1, p. 87-96, jan.-jun. 2007.

- ROCHA, Marcelo. *Fé ou Placebo? Os efeitos milagrosos das Pílulas de Frei Galvão*. 2009. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião) – Unidade. Pontifícia Universidade Católica da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem - uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/ Fapesp, 2005.
- RODRIGUES, João Paulo. *1932 pela força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934)*. São Paulo: Annablume, 2012.
- RODRIGUES, Mirtes R.; FONDA, Enio A.; BINATO, Cláudia V. P. *Frei Galvão: O Santo Brasileiro na Academia dos Felizes*. Revista Acta, v.1, p. x-x, 2011.
- ROMANI, Carlos. *Antecipando a Era Vargas: A Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social*. Topoi, v.12, n. 23, jul.-dez. p. 161-178, 2011.
- SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial*. Volume I: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SANTOS, Armando Alexandre dos. *Os quatro processos de Frei Galvão*. Revista Brasileira, (Separata) n. x, p. x-x. jan.-mar. 1999.
- SANTOS, Jaldo de Souza. *Farmácia Brasileira utopia e realidade*. Cidade: Conselho Federal de Farmácia, 2003.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo. Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, D. R. *As hagiografias como fontes históricas: uma leitura de Michel de Certeau*. In: XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR)- Chico Chavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras. 2015. v. 14. p. 339-348.
- SILVA, Manoel E. Altenfelder. *Brasileiros heroes da Fé*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.
- SILVA, Paulo Julião. *A Igreja Católica e as relações políticas com o Estado na Era Vargas*. In: XIII SIMPÓSIO NACIONAL ABHR, 2012, São Luís. São Luís. XIII Simpósio Nacional da ABHR, 2012, v.13, p. 1-11.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOBRAL, Cristina. *O Modelo discursivo hagiográfico*. V COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, Ana Sofia Laranjinha e José Carlos Miranda (Org.). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 97-107.
- SOUZA, Bianca Gonçalves. *O Santo é Brasileiro: História, memória, fé e mediação no estudo de santo Antônio de Sant'Anna Galvão*. 2009. Tese. (Doutorado em História) – Unidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

- SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. *A Identidade Posta no Altar: devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Questão Nacional*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal Fluminense. 1996.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. *A mitologia Bandeirante: construção e sentidos*. História Social, n.13, p. 151-171, 2007.
- STEPAN, Nancy Leys. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*. In: HOCHMAN, Gilberto (Org.). *Cuidar, controlar, curar: ensaio histórico sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- TAUNAY, Afonso E. *Poesias Latinas inéditas de Frei Galvão*. Revista do IHGSP, v. LI, p. 145-153, 1952.
- THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - o jornal que "não ladra, não cacareja e não morde"*. 2007. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Unidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- TOLEDO, Benedito Lima. *Frei Galvão: arquiteto*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- TORGAL, Luís Filipe. *O Sol Bailou ao Meio-Dia: A criação de Fátima*. Coimbra: Ed. Tinta da China, 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- VELLOSO, Mônica P. *A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica*. Ciência Política, v. 21, n. 3, p.117-160, jul.-set. 1978.
- VIDIGAL, Pedro Maciel. *O Cardeal de Vasconcellos Motta*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário*. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- WRIGHT, Jonathan. *Os Jesuítas: missões, mitos e histórias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

#### **Fontes:**

- CRISTIANO, Lúcio. *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão: o Apóstolo de São Paulo entre os séculos XVIII e XIX*. Aparecida: Oficinas Gráficas de Arte Sacra, 1954.
- MARISTELA (Beatriz do Espírito Santo). *Frei Galvão, Bandeirante de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1954.
- ORTMANN, Frei Adalberto. *Frei Antonio de Santana Galvão: O filho de Guaratinguetá nas tradições de famílias paulistas*. Revista do Arquivo Municipal, n. LXXXIV, p. 74-97, 1942.

SOR MIRYAN (Madre Oliva Maria de Jesus). *Vida de Frei Antônio de Sant'Anna Galvão, natural de Guaratinguetá 1739-1822*. São Paulo: Convento da Luz, 1928.

SOR MIRYAN, (Madre Oliva Maria de Jesus). *Vida do Venerável Servo de Deus Antônio de Sant'Anna Galvão: religioso franciscano natural de Guaratinguetá*. São Paulo: Tip. Cupolo, 1936.

TAUNAY, Afonso et al. *Homenagem à memória do Servo de Deus Frei Antônio de Sant'Anna Galvão no 1º Centenário de sua morte*. São Paulo: Escolas Prof. Lyceu Coroação de Jesus, 1922.

### **Jornais consultados:**

- Referente à publicação da *Polyanthéa*  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, sábado, 14 jan. 1922.
- Referente ao Periódico Santa Cruz  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 5, sexta-feira, 10 jun. 1922.
- Referente a Rufiro Tavares e a Festa do Coração de Jesus  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 5, quinta-feira, 1º set. 1921.
- Referente a Frei Nicodemos  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, quinta-feira, 27 out. 1921.
- Referentes à vida de Frei Galvão:  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, terça-feira, 1º nov. 1921.  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, quinta-feira, 3 nov. 1921.  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, sábado, 5 nov. 1921.  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 2, segunda-feira, 7 nov. 1921.  
*Chonica Religiosa*. Correio Paulistano, São Paulo, p. 4, quarta-feira, 9 nov. 1921.